

A produtividade é forte nos serviços e cai na indústria

Estudo inédito da FGV-SP mede desempenho setorial
Economia - Brasil

Cynthia Malta
 de São Paulo

A produtividade do comércio e dos serviços no Brasil cresce a taxas bem superiores às registradas pelas indústrias de transformação e extrativa e pelo setor de construção civil. Enquanto a produtividade do comércio e serviços avança, em média, acima de 9% ao ano, o aumento na construção civil é de 3% e na indústria de transformação, 1,9%. A indústria extrativa está encolhendo a uma taxa média de 0,1% ao ano.

Os dados constam de um trabalho inédito no País, elaborado pelos professores Fernando Garcia, Jorge Oliveira Pires e

Crescimento da produtividade	
	Produtividade - variação média anual (em %)
Serviços	9,3
Comércio	9,1
Construção	3,0
Indústria de transformação	1,9
Indústria extrativa	-0,1

Fonte: FGV

Rogério César de Souza, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo. O estudo da FGV "A evolução da produtividade total de fatores na economia brasileira: uma análise do período pós-Real"

mede a produtividade na segunda metade da década de 90, de 1996 a 2000. Depois de seis meses de trabalho, o estudo foi concluído em março deste ano e teve como base de dados quatro pesquisas anuais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As pesquisas do IBGE usadas no estudo reúnem dados de quase 1 milhão de empresas, divididos em 106 subsetores. "Não faltam dados no Brasil, o que precisamos é trabalhar neles", diz Garcia.

Apesar dos dados relativos ao comércio, a constatação é que a produtividade geral da economia brasileira vem regredindo. De 1996 a 2001, caiu 0,5% ao ano, em média — a produtividade do trabalho encolheu 0,4% ao ano, o estoque de capital líquido cresceu 2,5% e o Produto Interno Bruto (PIB) expandiu-se em 2%.

A pesquisa mostra que o crescimento econômico no Brasil não foi tão favorecido pelas mudanças ocorridas a partir de 1990, como o aumento substancial dos fluxos de comércio externo e dos fluxos de capitais, bem como pela queda da inflação e pela privatização de estatais.

Continua na página A-8